

COMUNICAÇÃO EFETIVA DA EQUIPE DE ENFERMAGEM COM OS FAMILIARES DIANTE DO PACIENTE ONCOLÓGICO EM CUIDADOS PALIATIVOS

Sonidalva Alves Novaes, Roberto Bezerra da Silva

EDITADO POR
Edson Silva-Filho

REVISADO POR
Donato Braz Junior e Juliana
Guimarães

RECEBIDO: 07 de Fevereiro de
2026

ACEITO: 16 de Fevereiro de 2026

PUBLICADO: 05 de Março de 2026

COPYRIGHT

© 2026. Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença de Atribuição Creative Commons (CCBY). O uso, distribuição ou reprodução em outros fóruns é permitido, desde que o(s) autor(es) original(is) e o(s) proprietário(s) dos direitos autorais sejam creditados e que a publicação original neste periódico seja citada, de acordo com a prática acadêmica aceita. Não é permitido uso, distribuição ou reprodução que não esteja em conformidade com esses termos.

RESUMO

Objetivo: Investigar a eficácia da comunicação entre enfermeiros e os familiares frente a pacientes oncológicos em cuidados paliativos; o foco é reconhecer barreiras, facilitar práticas profissionais e fortalecer laços por meio de abordagens empáticas e éticas. **Métodos:** Trata-se de uma revisão Integrativa da literatura de artigos de 2019 a 2025, através do banco de dados BVS-Brasil, SciELO, PubMed, ACERVO+ e LILACS, utilizou-se os descritores "palliative care", "communication" e "nursing". Como critérios de inclusão os estudos em português e inglês de 2018-2025; foram excluídos artigos de opinião, em duplicidade, teses e temas irrelevantes. Foram selecionados 14 artigos através das etapas: identificação, seleção, inclusão. **Resultados:** Dos artigos analisados, emergiram três categorias: (1) importância da comunicação para controle de sintomas, suporte emocional e humanização; (2) estratégias como escuta ativa, protocolo SPIKES, linguagem simples, verbal e não verbal, reuniões regulares para reduzir ansiedade e conflitos; (3) desafios como falta de treinamento, sobrecarga, negação emocional, dilemas éticos e visões biomédicas fragmentadas, impactando profissionais, pacientes e famílias. **Considerações finais:** A comunicação empática é pilar dos cuidados paliativos, promovendo confiança, dignidade e aceitação da terminalidade, alinhada à PNCP-SUS de 2024. Recomenda treinamentos contínuos, protocolos adaptados ao SUS (ex.: SPIKES), apoio psicológico e pesquisas focadas em enfermagem para superar barreiras emocionais e biomédicas. Enfatiza engajamento gerencial para cuidado holístico desde o diagnóstico até o processo de finitude.

Palavras-chave: Cuidados paliativos, Comunicação, enfermagem.

ABSTRACT

Objective: To investigate the effectiveness of communication between nurses and family members regarding cancer patients in palliative care; the focus is on recognizing barriers, facilitating professional practices, and strengthening bonds through empathetic and ethical approaches.

Methods: This is an integrative review of the literature from articles published between 2019 and 2025, using the BVS-Brasil, SciELO, PubMed, ACERVO+, and LILACS databases, with the descriptors “palliative care,” “communication,” and “nursing.” The inclusion criteria were studies in Portuguese and English from 2018 to 2025; opinion articles, duplicates, theses, and irrelevant topics were excluded. Fourteen articles were selected through the following stages: identification, selection, and inclusion. **Results:** Three categories emerged from the articles analyzed: (1) the importance of communication for symptom control, emotional support, and humanization; (2) strategies such as active listening, the SPIKES protocol, simple verbal and nonverbal language, and regular meetings to reduce anxiety and conflicts; (3) challenges such as lack of training, overload, emotional denial, ethical dilemmas, and fragmented biomedical views, impacting professionals, patients, and families. **Final considerations:** Empathetic communication is a pillar of palliative care, promoting trust, dignity, and acceptance of terminality, in line with the 2024 PNCP-SUS. It recommends ongoing training, protocols adapted to the SUS (e.g., SPIKES), psychological support, and nursing-focused research to overcome emotional and biomedical barriers. It emphasizes managerial engagement for holistic care from diagnosis to the end-of-life process.

Keywords: Palliative care, Communication, Nursing.

INTRODUÇÃO

A Política Nacional de Cuidados Paliativos no Sistema Único de Saúde (PNCP-SUS) foi estabelecida pela Portaria GM/MS n.º 3.681, de 7 de maio de 2024. Esta política visa integrar os cuidados paliativos (CP) na Rede de Atenção à Saúde (BRASIL, 2024), melhorar a qualidade de vida dos pacientes, aumentar a disponibilidade de medicamentos, facilitar a capacitação dos trabalhadores no SUS e sensibilizar e educar o público sobre CP (BRASIL, 2024).

Os cuidados paliativos estão enraizados na filosofia de cuidado e técnica multiprofissional, que considera as dimensões físicas - controle de sintomas (dor, náusea, dispneia, fadiga) - emocionais e espirituais, convocando competências específicas dos profissionais (ANCP, 2018). Os CP visam melhorar a qualidade de vida, reduzir o sofrimento de doenças graves, promover a dignidade e humanizar as interações interpessoais — mesmo no final, incluindo na morte — com desafios éticos que exigem o envolvimento de profissionais, pacientes e suas famílias na tomada de decisões do início ao fim.

Baseados em relações humanas, os cuidados paliativos são uma abordagem que oferece suporte abrangente aos pacientes e suas famílias, físico, biopsicossocial e espiritual, reconhecendo a morte como parte integrante da experiência humana diante do estado irreversível e intratável da doença (ALVES; OLIVEIRA, 2022). Os autores valorizam o conforto, o manejo sintomático, a autodeterminação; destaca também que o cuidado holístico e humano proporciona qualidade de vida para pacientes com doenças progressivas e limitantes (ALVES e OLIVEIRA, 2022).

Quando se trata de câncer sem medidas curativas e em fase terminal, o enfermeiro é o elo importante nesta relação, pois está mais próximo tanto do paciente quanto de sua família. Através de sua atuação sensível e exaustiva, esses profissionais promovem a comunicação, acolhem cada familiar e fortalecem sua presença como fonte de conforto, o que é de extrema relevância quando se trata de reconhecer e comunicar o sofrimento, suprimir a ansiedade e a depressão e capacitar os indivíduos diante da perda.

Nos cuidados paliativos, portanto, a comunicação é uma ferramenta crítica para a equipe multiprofissional informar sobre procedimentos e cuidados, acolher expectativas, emoções e frustrações de todos os envolvidos. Em ambientes como a UTI, discutir prognósticos e tratamentos é primordial — deve ser empático, inequívoco e claro, permitindo que decisões conscientes influenciem as decisões. Ao mesmo tempo, no entanto, a incapacidade profissional de realizar essas conversas difíceis pode prejudicar a qualidade do atendimento e levar a tensões (PALMRYD et al., 2024; BAPTISTA & PICANÇO, 2019).

A melhor comunicação entre enfermagem e família permite a humanização do cuidado, facilita a compreensão clínica e fornece suporte emocional, ajudando-o inclusive no processo do luto. Embora a comunicação das más notícias seja complexa, deva ser ética e cautelosa, enraizada em insights técnicos e filosóficos nos cuidados paliativos, para prevenir o estresse e o trauma familiar (DE SOUZA et al., 2020; BELLAGUARDA et al., 2020). No entanto, gerenciar sensivelmente esse tipo de cenário é difícil devido à falta de treinamento e informações suficientes sobre essa prática.

Engel et al. (2023) conduziram uma revisão sistemática indicando que a comunicação centrada no paciente, incluindo conversas planejadas ou espontâneas entre médicos e enfermeiros, é crucial para cuidados paliativos de qualidade. Respeitar as preferências pessoais dos pacientes e entes queridos, respeitando sempre os princípios éticos, legais e a da privacidade dos envolvidos;

Na UTI, tanto quanto nos demais ambientes hospitalares, os cuidados paliativos são uma questão ética altamente delicada que envolve questões complexas, incluindo problemas com a tomada de decisão compartilhada, dilemas bioéticos, obstinação terapêutica e questões culturais e legais. A não interpretação dessas normas e a preparação insuficiente da equipe prejudicam a prestação de cuidados de qualidade (DE SOUZA et al., 2025) e a falta de protocolos. Tais dilemas ressaltam a importância de uma comunicação integrada, clara e humanizada, que pode ajudar a comunicar de maneira transparente e digna, particularmente em torno de decisões de fim de vida (ALCANTARA, 2020).

Portanto, a comunicação da equipe multiprofissional, paciente e familiares é uma ferramenta imprescindível para melhorar o relacionamento familiar e a qualidade do atendimento. Siegle et al. (2023) enfatiza que no contexto de fim de vida, a comunicação reconhece as oscilações emocionais do paciente em resposta às notícias do diagnóstico e reflete as alterações que ocorrem. Além disso, o mesmo autor aponta que o paciente deseja que os detalhes do prognóstico sejam claramente dialogados, usando uma linguagem que eles entendam e na medida em que desejam ouvir.

A comunicação verbal e não verbal forma laços de confiança e apoio. Instrumentos e ferramentas bem projetados são vitais para melhorar os relacionamentos, a saúde do paciente e da relação com a família, ouvindo com compaixão, gerenciando efetivamente as demandas existentes, engajando-se em escuta ativa, compreendendo, sendo transparente e sincero (CAMPOS, SILVA & SILVA, 2019).

Embora aspectos positivos da comunicação eficaz sejam evidenciados no ambiente hospitalar, obstáculos significativos são encontrados, como ansiedade, vergonha e falha em se engajar em conversas difíceis sobre prognósticos adversos, o que impacta negativamente o trabalho em equipe e a qualidade do cuidado (ASTRITA & GOLDIM JR, 2023). Por essa razão, é crucial que os desafios de comunicação sejam abordados pela equipe de enfermagem de forma sensível, ética e humanizadora, promovendo um vínculo com pacientes e famílias e possibilitando um cuidado holístico e digno no final da vida.

Diante da temática, o foco da pesquisa é a relação entre o enfermeiro e a família de pacientes oncológicos em cuidados paliativos. A pergunta é: Como podemos melhorar o aspecto da comunicação para promover apoio emocional e compreensão do processo paliativo? Objetivo: investigar a eficácia dessa comunicação entre enfermeiros, pacientes e suas famílias.

Uma explicação da escolha do tema pode ser baseada na comunicação como chave para a humanização dos cuidados paliativos, onde os enfermeiros estão no centro da geração de informações, emoções e tomada de decisões. Visa reconhecer barreiras e facilitar a prática profissional. Tirando uma quantidade considerável de motivação de suas próprias experiências de cuidar de pacientes oncológicos em cuidados paliativos, a autora incentiva a pesquisa científica para fortalecer sua produção empírica e encoraja os profissionais de enfermagem a adotarem uma comunicação empática, eficaz e ética com pacientes e suas famílias.

METODOLOGIA

Esta pesquisa trata-se de uma revisão da literatura, de natureza exploratória e bibliográfica, através da seleção dos artigos em banco de dados eletrônicos Biblioteca Virtual em Saúde (BVS-Brasil), Scientific Electronic Library Online (SciELO Brasil), PUBMED, ACERVO+ e Literatura Latino- Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), utilizando os descritores “palliative care”, “communications” e “nursing” combinados com o operador booleano AND, para ampliar a abrangência da busca. Os critérios de inclusão adotados foram: Estudos em português e inglês; publicações no período de 2018 a 2025, para garantir a atualidade das informações; foram excluídos estudos de opinião, cartas ao editor, trabalhos repetidos, dissertações, teses e artigos que não apresentassem uma abordagem clara sobre o tema.

RESULTADOS

A busca inicial da pesquisa se deu a partir do banco de dados citados anteriormente, utilizou-se critérios de inclusão e exclusão, com a seleção de artigos a partir de três etapas distintas: identificação, seleção e inclusão. Inicialmente, foi obtida uma amostra de 88 artigos e na sequência foi realizada a seleção por títulos e resumos em língua portuguesa e inglesa, que contemplassem em seus conteúdos a importância da comunicação, as estratégias adotadas e os desafios enfrentados pela equipe de enfermagem com familiares de pacientes oncológicos em cuidados paliativos. Destes, foram descartados 74 artigos, que não apresentavam relevância direta com os objetivos da pesquisa, excluindo-se aqueles em duplicidade e por inadequação da temática proposta. Foram selecionados 14 artigos para leitura completa, os quais corresponderam aos critérios do estudo, conforme catalogados na tabela 1, contendo as seguintes variáveis: autor/ ano de publicação, tipo de estudo, objetivos e resultados. A análise da pesquisa foi descritiva, organizada em categorias temáticas para responder criticamente e fundamentada à problemática do estudo, incluindo estudos observacionais, revisões integrativas, e sistemáticas.

Tabela 1 – Descrição dos artigos selecionados para compor a amostra final deste estudo

Autor/ano	Tipo de estudo	Objetivo	Resultados
ALVES R.S.F; OLIVEIRA F.F.B., 2022	Pesquisa exploratória/ qualitativa.	Analisar os discursos sobre cuidados paliativos (CP) da equipe profissional de saúde em um hospital de referência em oncologia em Campina Grande (PB).	Foram Identificados a essência dos CP, as ações desenvolvidas, as dificuldades enfrentadas na assistência ao paciente oncológico e limitações na formação profissional para atuação em palição.
Silva, R.Z. da; LIMA, L.H.C; 2025	Estudo de corte transversal, descritivo, exploratório, prospectivo e quantitativo.	Criar protocolo de definição de palição para setor de urgência oncológica, a partir de embasamento ético, jurídico e científico, evitando distanásia, manobras mais invasivas como Intubação oro traqueal, Reanimação cardiopulmonar e transferência para UTI.	Ofertar aos profissionais paliativistas respaldo ético, científico e legal na tomada de decisão, evitando assim mediadas terapêuticas fúteis para prolongar o sofrimento dos pacientes. Otimização de vagas de UTI para pacientes com proposta terapêutica viável, sem sobrecarga desses leitos tão escassos, conforme descrito na literatura.
Souza, T. M.	Revisão integrativa	Compreender a importância da	A necessidade de habilidades comunicacionais

Autor/ano	Tipo de estudo	Objetivo	Resultados
de, et al., 2020		comunicação em saúde frente aos pacientes e familiares em cuidados paliativos na Unidade de Terapia Intensiva (UTI).	como empatia e uma escuta humanizada utilizada pelos profissionais de saúde podem proporcionar um melhor suporte ao paciente e familiar durante toda internação na UTI. Nesse contexto, a comunicação é uma ferramenta valiosa para estabelecer uma boa relação e qualidade de vida.
Engel M. et al., 2023	Revisão sistemática	Analisar a comunicação efetiva em cuidados paliativos para atender necessidades de pacientes e familiares, englobando a troca de informações e todas as decisões compartilhadas.	Os pacientes valorizam uma abordagem que considera sua individualidade, que devam ser considerados pelo processo em que estão vivenciando;
Campos, V. F. et al., 2019	Revisão integrativa	Avaliar a comunicação na assistência paliativa e sua influência na relação interpessoal equipe-paciente-família.	Diálogo adequado é uma ferramenta que possibilita a criação de vínculo e a facilita decisões compartilhadas; Além das habilidades comunicativas, outros aspectos precisam ser identificados para a melhoria dos vínculos no contexto dos cuidados paliativos.
Pan, H., et al., 2023	Revisão integrativa	Explorar melhor forma de fornecer cuidados paliativos em UTI para pacientes e famílias.	A prática de CP em UTI ainda não universalmente aceita; há necessidade de mais pesquisas focadas em desfechos clínicos e satisfação dos pacientes e familiares envolvidos.
Baptista, C.S.O., et al., 2019	Pesquisa exploratória, descritiva	Conhecer saberes da equipe multiprofissional sobre cuidados paliativos em unidade crítica.	Os resultados demonstraram diversas categorias: qualidade de vida como essência do CP; dificuldade na definição do momento ideal para início dos CPs; desconhecimento da organização de acordo com o nível de complexidade; rejeição a terapias fúteis.
Salins, N. et al., 2024	Revisão sistemática	Resumir práticas de cuidados paliativos em ambientes peri-intensivos através de revisões sistemáticas.	Orientação para pesquisas futuras otimizando intervenções paliativas em terapia intensiva como garantias de práticas seguras direcionadas aos pacientes críticos e familiares.
Machado, N.J.N. et al., 2024	Revisão bibliográfica	Sintetizar evidências sobre impacto da comunicação em CP na promoção de qualidade de vida do paciente.	Comunicação de alta qualidade exige práticas no nível individuais, no nível de equipe, sistêmicas e participação dos pacientes e familiares; a comunicação efetiva é indispensável para uma assistência segura e eficaz quando não há mais chance de cura.
Leça, L.M., et al., 2024	Pesquisa qualitativa	Analisar impactos da comunicação da equipe em pacientes em cuidados paliativos.	Comunicação efetiva é essencial nos temas: transferência para CP, percepção dos CP, impactos na saúde mental e estratégias de enfrentamento além de fatores de proteção em palição.
Souza, R.M., et al., 2024	Revisão Integrativa	Analisar desafios dos profissionais enfermeiros na comunicação com pacientes oncológicos em CP.	A discussão da pesquisa se baseou nas seguintes categorias: formação acadêmica adequada para diálogos confiáveis nos CP; escuta ativa e empatia dos profissionais envolvidos; enfermeiro como facilitador da comunicação.

Autor/ano	Tipo de estudo	Objetivo	Resultados
Telles, C.; Silva, G.K., 2025.	Revisão integrativa, qualitativa/descritiva	Analisar desafios da enfermagem na comunicação frente a pacientes e familiares em cuidados paliativos na UTI, como também reconhecer estratégias de promoção dos cuidados.	A pesquisa ratificou que os principais desafios estão relacionados a resistência familiar, negação da terminalidade, barreiras emocionais e falha no preparo dos profissionais; entretanto, estratégias como escuta ativa, reuniões periódicas, linguagem acessível e protocolos podem ser eficazes e humanizar o cuidado.
Santos, A.S. dos, et al., 2025	Revisão integrativa	Demonstrar a importância das ações de enfermagem no cuidado paliativo direcionado aos pacientes oncológicos.	O cuidar da enfermagem é essencial para paciente e família; alguns tópicos devem ser relevantes como: valorização de queixas, escuta ativa, respeito à dignidade e autonomia.
Figueiredo, R.M., et al., 2024	Revisão integrativa	Identificar os protocolos de comunicação de más notícias utilizados no contexto de cuidados paliativos.	Levantamento de protocolos de transmissão de más notícias, constituído de três etapas “antes, durante e após” o momento que antecede a abordagem para a comunicação, a transmissão da informação. Uma abordagem adequada na transmissão de um prognóstico ruim fortalece a relação entre as partes e facilita a compreensão do CP.

Fonte: Própria da autora (2026)

DISCUSSÃO

Comunicação e sua importância frente aos cuidados paliativos

Embora em crescente expansão no Brasil, inclusive na última década, os cuidados paliativos (CP) são descritos como um novo paradigma que difere dos cuidados de saúde curativos ao buscar cuidados abrangentes, prevenção e controle de sintomas para condições graves e ameaçadoras à vida (SANTOS et al., 2020). No entanto, muitos enfermeiros se sentem emocionalmente despreparados para trabalhar com pacientes terminais, encontrando barreiras na comunicação — que são componentes vitais do cuidado — particularmente quando estão dando más notícias e abordando tópicos de fim de vida (CALSAVARA et al., 2019), o que impede que funcione como um recurso terapêutico.

Na perspectiva dos cuidados paliativos, o envolvimento da família é um dos aspectos mais importantes, pois quando um indivíduo recebe o diagnóstico de uma doença incurável, sua família sofre com o impacto (e a experiência é sempre muito dolorosa). Como resultado, haverá respostas familiares variadas em cada ente familiar, o que é importante reconhecer o impacto que cria (CAVALCANTE et al., 2018).

Devido à complexidade dos cuidados paliativos, o apoio ao bem-estar do paciente e de seus cuidadores precisa ser fornecido de maneira consistente, incluindo apoio, inclusive, se estende ao processo de luto. O papel essencial dos profissionais de saúde, cuidadores e famílias para

trabalharem juntos desempenhará um papel integral no atendimento às necessidades e desafios das famílias. Para concluir, identificar e abordar a influência da família nos pacientes paliativos é necessário para um cuidado holístico e empático, um processo árduo que exige preparação emocional, física, social e financeira (SOARES et al., 2024).

Ao longo do processo da doença progressiva e limitante, acompanhado por dor emocional aguda, a equipe de saúde é responsável por fornecer cuidados abrangentes e holísticos durante esse processo, através de decisões éticas sobre a limitação do suporte vital ao paciente e suas famílias, respeitando os desejos do paciente. O manejo de uma boa comunicação é uma condição para a boa aceitação do gerenciamento do tratamento de saúde pode ser descrito como uma condição suficiente para melhor adesão ao tratamento, aceitação do diagnóstico e comportamento terapêutico ideal e necessário (Campos; Silva; Silva, 2019).

Nesse sentido, os enfermeiros são notáveis porque sempre enfatizaram seu treinamento na arte do cuidado e o contato direto e contínuo com o paciente e sua família ao longo da progressão e não apenas na fase terminal da doença. Como um enfermeiro mantém o vínculo mais intenso nessa relação, seu modo de comunicação é crítico e afeta diretamente tanto a qualidade do cuidado quanto a humanização do ciclo de vida completo (ALVES; OLIVEIRA, 2022).

Sob essa perspectiva, os pacientes apresentam vulnerabilidades e limitações psicológicas, sociais, físicas e espirituais que os cuidados paliativos prestados pela equipe de enfermagem aliviam e/ou neutralizam. Portanto, a comunicação desempenha um papel importante na interação profissional com pacientes e famílias em cuidados paliativos (CP), estabelecendo a base para relações sólidas em cuidados personalizados. Respeitar o paciente e sua família, facilitando uma melhor aceitação do processo e reduzindo o sofrimento de todos os envolvidos, é fundamental (DIAS et al., 2021).

Segundo Andrade et al. (2019), o enfermeiro deve estar atento na abordagem, uma vez que a comunicação autêntica e honesta entre profissionais, pacientes e suas famílias pode minimizar a ansiedade em relação à doença e ao futuro por meio de uma comunicação sincera e transparente. É essa comunicação que oferece apoio emocional ao processo de tratamento, durante a transição do paciente e durante o luto, fortalecendo os laços, reduzindo o sentimento de angústia e mantendo a dignidade e a autonomia mesmo nas decisões de cuidado — sem que o paciente perca a vontade de lutar por sua vida.

Silva et al. (2020), ratifica que o diálogo torna o cuidado humano ao atender as necessidades individuais do paciente, através de uma comunicação atenta e afetiva. No âmbito dos

cuidados paliativos, os prestadores devem adaptar a mensagem ao paciente e serem honestos e diretos. O diálogo autêntico e a confiança entre paciente, família e equipe, embora em alguns casos a honestidade seja difícil de manter, serão a base de uma comunicação eficaz.

Para os cuidados paliativos, a humanização dos tratamentos se baseia em uma comunicação compassiva e na compreensão por meio de uma escuta qualificada e respeito mútuo. Este método pode aliviar emoções negativas e dúvidas, ajudando assim a compreender o estado de saúde ou doença. Além disso, promove a aceitação e adesão ao tratamento, informa as decisões clínicas, melhora a satisfação com o cuidado e melhora a qualidade de vida dos pacientes (GIBELLO et al., 2020).

No entanto, na prática clínica, continua a ser um desafio abordar suposições biomédicas enraizadas que dividem o sujeito em determinantes biológicos. A maioria dos profissionais ainda vê o paciente com uma perspectiva de doença, silenciando, segregando, enfatizando os exames corporais e as tecnologias de diagnóstico, e ignorando as relações interpessoais do paciente (Sousa et al., 2025).

Um estudo publicado por Campos et al. (2019) enfatiza que a comunicação adequada nos cuidados paliativos aumenta a construção de relacionamentos entre os membros da equipe, o paciente e a família. No entanto, existem outros aspectos de subjetividade única, mecanismos de defesa, transferência e contratransferência que vão além da comunicação, que requerem consideração especial em experiências de dor e sofrimento intensos (Campos et al., 2019).

Silva et al. (2020) vinculam a relação de ajuda e a comunicação terapêutica bem-sucedida dos cuidados paliativos com as habilidades da equipe com técnicas verbais e não verbais. É fundamental que essas modalidades sejam entrelaçadas para promover uma aliança terapêutica satisfatória, atendendo precisamente aos requisitos individuais do paciente para o cuidado e facilitando uma comunicação eficaz e personalizada.

O papel da comunicação não verbal é de fundamental importância nas interações entre profissionais de saúde, pacientes e famílias, particularmente sob a deficiência verbal do paciente. Gestos como um simples aperto de mão, um contato visual simpático, presença de escuta e apoio ajudam a aliviar a solidão e a trazer conforto emocional. Monitorar expressões faciais e linguagem corporal também pode ser utilizado para detectar dor, desconforto ou ansiedade, com foco na percepção se uma ansiedade ou desconforto é detectado, permitindo assim uma ação precisa para intervir para alívio dos sintomas físicos (Campos; Silva; Silva, 2019).

Estratégias de comunicação utilizadas nos cuidados paliativos

No contexto dos processos de cuidados paliativos, as estratégias de comunicação têm se mostrado eficazes. É um desafio compartilhar a trajetória de uma doença, na ausência de qualquer possibilidade terapêutica, e isso desafia a equipe multiprofissional a enfrentar dilemas éticos e emocionais como medo e desesperança. A comunicação deficiente pode levar a sofrimento psicológico, decisões equivocadas e conflitos, enquanto reuniões regulares, linguagem descomplicada e apoio psicológico os amenizam (PAN et al., 2023; SALINS et al., 2024). A qualidade do relacionamento entre a equipe, o paciente e a família são significativos na aceitação do diagnóstico e no acompanhamento do tratamento (GALVÃO et al., 2018).

A qualidade do relacionamento entre os integrantes no contexto paliativo é fundamental para a aceitação do diagnóstico e o acompanhamento do tratamento (GALVÃO et al., 2018). A comunicação se torna um elo vital, conectando o paciente, sua família e os profissionais de saúde, focando nas necessidades do paciente e promovendo um atendimento mais humanizado, que priorize seus desejos em vez de apenas seguir protocolos. Ouvir com atenção e respeito pode diminuir emoções negativas e incertezas, ajudando na compreensão da condição de saúde e na aceitação do tratamento (GIBELLO et al., 2020).

Em situações de prognóstico desfavorável, a equipe multidisciplinar deve adotar uma postura empática e compassiva, comunicando os passos do tratamento de forma gradual e respeitando a capacidade cognitiva do paciente. Isso requer que os profissionais se sintam à vontade para manter um diálogo aberto e honesto, abordando as dúvidas e preocupações que surgem (GOBBI, 2020). Assim, as estratégias de comunicação se tornam aliadas em um cuidado abrangente e holístico, identificando o sofrimento e buscando formas de mitigá-lo.

Utilizar o discurso individualmente permite identificar tais necessidades e objetivos; ajudando os pacientes a entender quando e como desejam informações. Como Campos, Silva e Silva (2019) afirmam que a escuta ativa e reflexiva captura algumas peças para melhor comunicação, limites e processo no tratamento. Os autores afirmam ainda que uma escuta atenciosa pode aliviar o estresse hospitalar e facilitar a adaptação a mudanças significativas, como a progressão da doença, a descontinuação de terapias e a aceitação da morte. (CAMPOS, SILVA e SILVA; 2019),

A comunicação em cuidados paliativos envolve desafios diários desafiadores como progressão neoplásica, adaptação à terapia, descontinuação de terapias, considerando a morte e alivia o estresse hospitalar. A comunicação clara sobre a doença é geralmente mais apreciada por

pacientes que se sentem mais satisfeitos, dispostos a tomar decisões e planejar o futuro ou ser menos socialmente isolados graças à capacidade de diálogo honesto; omissões provocam insegurança e solidão (ENGEL et al., 2023).

É mandatório que a equipe paliativa tenha sensibilidade ao comunicar "más notícias" sob a condição em que não há chance de cura, a transição do cuidado. Os pacientes devem se preparar emocionalmente dessa maneira, caso contrário, falhas de comunicação podem ocasionar piora da condição mental (SILVA et al., 2021). Este estudo também é ainda mais ampliado por análises de Bandeira et al. (2020) confirmando que a doença psíquica — incluindo depressão e ansiedade — resulta como efeito colateral do diagnóstico de câncer e paliativo e que isso requer tratamento holístico e completo, incluindo saúde mental.

Como uma questão sensível, e dado o tema da intervenção e o fato de que pacientes e famílias são mais suscetíveis à doença, estratégias de apoio são utilizadas como facilitadores nos cuidados paliativos através de protocolos, garantindo que a condução da terapia ocorra de forma segura e confortável. Santos dos et al. (2020) apoia essas descobertas, afirmando que ferramentas de enfrentamento para o câncer na ausência de vias terapêuticas melhoram a qualidade de vida do paciente e da família, gerenciam sintomas neoplásicos e requerem o incentivo da equipe de saúde.

Estratégias de apoio e promoção dos cuidados paliativos devem ser usadas para minimizar a ansiedade e a angústia em torno do tratamento e apoiar uma melhor compreensão do que está acontecendo. Thodé et al. (2022) reitera que melhorar esses efeitos requer a criação de recursos de comunicação que aprimorem a qualidade do cuidado com gerenciamento de sintomas, além de contribuir positivamente no relacionamento entre profissionais e pacientes e família.

Além disso, Neto et al. (2020) apoia a ideia de instrumentalização do profissional como estratégias de enfrentamento para redução do sofrimento físico e emocional, especialmente em situações de morte iminente em que dor e angústia podem estarem evidentes. É nesse cenário que os protocolos de comunicação se destacam como ferramentas de apoio para equipes multidisciplinares, ajudando a reduzir o estresse ao comunicar notícias difíceis (FIGUEREDO et al., 2024).

Protocolos são praticados em comum entre médicos como enfermeiros, mas são cada vez mais prevalentes em enfermeiros. Campos et al. (2019) destacam que informações de alta qualidade melhoram a confiança entre os membros da equipe, paciente e familiares, minimizam o impacto emocional, apoiam a clareza e maior aceitação do comportamento, e mantêm a dignidade e autonomia do paciente.

Publicações na literatura apoiam um protocolo paliativo em emergências oncológicas para evitar terapias fúteis — que prolongam o sofrimento dos pacientes e familiares —, otimizar a ocupação de leitos de UTI e direcionar o paciente ao leito de UTI apenas quando necessário para minimizar a carga sobre os recursos escassos, conforme descrito na literatura. O objetivo deste protocolo é criar uma percepção positiva das equipes multidisciplinares durante emergências oncológicas, levando a uma conduta mais digna durante a morte e o morrer. O cuidado paliativo se estende além da fase terminal, atendendo indivíduos desde o diagnóstico até a morte com uma postura profissional e calorosa (Silva e Lima, 2025).

Com o objetivo de reduzir as dificuldades de comunicação e desenvolver estratégias mais empáticas ao comunicar notícias difíceis em cuidados paliativos, os pesquisadores desenvolveram o protocolo SPIKES em 1992, que se concentra em minimizar o sofrimento que más notícias frente aos conflitos e tensões emergentes a cada interação. Este protocolo é estritamente para a equipe médica e é um acrônimo em inglês para acompanhar seis etapas em tradução livre; consiste na preparação para a reunião, percepção, convite, conhecimento, emoções e estratégia/resumo (GAZZOLLA; LEITE; GONÇALVES, 2020).

A comunicação e os desafios a serem enfrentados em cuidados paliativos.

Nos cuidados paliativos, a forma como nos comunicamos desempenha um papel crucial. Falar sobre o percurso de uma doença sem opções de tratamento disponível é um desafio que pode despertar dilemas éticos e emocionais, como o medo e a desesperança. Uma comunicação inadequada pode intensificar o sofrimento psicológico, levar a decisões erradas e gerar conflitos. Por outro lado, encontros frequentes, uma linguagem simples e apoio psicológico podem aliviar essas tensões (PAN et al., 2023; SALINS et al., 2024).

Com uma doença terminal, progressiva e menos recursos terapêuticos disponíveis, a equipe multiprofissional, incluindo enfermeiros (um dos membros mais próximos da equipe ao paciente e à família), muitas vezes sentem-se desconfortáveis e constrangidos ao confrontar a morte, as más notícias, a dor dos pacientes e suas famílias. Portanto, existem mecanismos de defesa neste cenário, como a negação e o distanciamento emocional (CAMPOS et al., 2019).

À luz da comunicação de notícias desafiadoras, não há dúvida de que os profissionais que trabalham com essa temática precisarão se sentir seguros e confiantes para fornecer assistência de alta qualidade (GIBELLO, 2020). Além disso, outro estudo correlato mostra que é importante ter habilidades na comunicação de más notícias na interação equipe de saúde-paciente e família, pois a

perda da capacidade de linguagem pode causar danos à vida do paciente e alterar seu plano futuro (CAMPOS, 2020).

Apreciar estratégias de comunicação eficazes e desafios em torno dos cuidados paliativos representa mecanismos de melhoria da prestação de cuidados paliativos mais humanísticos. Quando más notícias precisam ser compartilhadas, não pode haver ruídos de comunicação; a pesquisa mostra que os profissionais só podem ter bom apoio quando se sentem informados e seguros, sem ruído de comunicação entre as partes envolvidas (GIBELLO, 2020).

É vital que os profissionais de saúde tenham sensibilidade para compreender que cada pessoa é única, e que a comunicação, que faz parte do relacionamento diário de um profissional de saúde com pacientes e suas famílias, não pode ser algo "invisível", com o intuito de aliviar as sensações do processo paliativo, tornando-as menos dolorosas possíveis. Portanto, antes de comunicar, eles devem esperar, refletir e explorar: a saúde do paciente e o histórico da doença, o melhor momento possível para comunicar, fazer uma pausa na reunião, dar tempo suficiente e um local apropriado para iniciar a conversa (LYSAKOWSKI; MACHADO; WYZYKOWSKI, 2020).

O desafio de gerenciar questões sensíveis, incluindo terminalidade, deterioração da condição da doença ou morte, é particularmente relevante em relação aos cuidados paliativos, e, como resultado, a comunicação que permeia toda a equipe de enfermagem sofre. Pacientes e famílias são desafiadas tanto com descrença, desesperança e incertezas ao receber notícias, por outro lado, há também o profissional angustiado para suportar com uma carga emocional a negação (CAMPOS, 2020).

Evidências científicas indicam que estratégias de enfrentamento como ouvir atentamente, diálogo dentro de grupos de apoio, são estratégias de enfrentamento positivas que fortalecem a autogestão emocional e, portanto, podem aliviar estressores ocupacionais para os profissionais. Além disso, o investimento em treinamento de enfermeiros e protocolos de comunicação também está incluído para melhorar a segurança dos cuidados paliativos, como o plano de cuidados de famílias ou membros da equipe, já que a má preparação profissional pode causar doenças psíquicas entre os profissionais (Andrade et al., 2022) e dificultar as interações entre as pessoas envolvidas nos cuidados paliativos.

Na unidade de terapia intensiva, é notório que diversas condições podem impactar na comunicação dos enfermeiros. A sobrecarga de trabalho e a falta de experiência em lidar com a terminalidade podem levar a emoções negativas e à dificuldade de abordar questões sensíveis. Estudos apontam para a necessidade de uma educação direcionada em autogestão emocional e

habilidades de comunicação, a fim de fortalecer a equipe de enfermagem no dia a dia dos cuidados paliativos (OLIVEIRA; SANTOS, 2019).

Gerenciar questões delicadas como a terminalidade e a prognósticos desfavoráveis são desafios a serem vencidos. Tanto pacientes e familiares quanto profissionais enfrentam a incredulidade e o desespero ao receber notícias difíceis (CAMPOS, 2020). Estratégias como a escuta atenta e o diálogo em grupos de apoio são fundamentais para fortalecer a gestão emocional dos profissionais e aliviar o estresse no ambiente de trabalho.

Investir em treinamento e protocolos de comunicação é crucial para a segurança nos cuidados paliativos, minimizando o impacto emocional sobre os profissionais e facilitando as interações necessárias para um cuidado mais humanizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, a comunicação desempenha um papel importante ao longo de todo o processo terapêutico nos cuidados paliativos, desde que seja realizada de forma adequada. Portanto, a troca de informações não é apenas compartilhar informações; a comunicação é uma ferramenta de acolhimento, confiança e qualidade de vida, e como pode superar desafios éticos e emocionais com estratégias empáticas e protocolos estruturados.

Ter capacidade para comunicar-se de forma empática e transparente é vital para fortalecer as relações interpessoais, proporcionar um cuidado humanizado ao compreender a patologia, diminuir o sofrimento biopsicossocial e espiritual, melhorar os vínculos, facilitar a aceitação dos recursos terapêuticos limitados e o processo de terminalidade. Também ajuda a reduzir a ansiedade/medo, conflitos familiares e depressão, e a Política Nacional de Cuidados Paliativos-SUS de 2024 está alinhada com essas estratégias.

Investir em melhorias em comunicação em cuidados paliativos, como por exemplo, protocolo SPIKES, escuta ativa e sensível, linguagem apropriada, agendar reuniões regulares e adotar uma abordagem cautelosa — ajustada aos desejos individuais — são estratégias para garantir que não apenas os membros de uma equipe multidisciplinar e o paciente e sua família sejam incluídos, mas que a autonomia, controle de seus sintomas e apoio holístico e abrangente sejam priorizados.

Sobrecarga de trabalho, falta de preparo para a terminalidade emocional, dificuldades de comunicação para más notícias e entendimentos biomédicos fragmentados criam insegurança, negação e estresse. Esses fatores afetam as interações interpessoais e contribuem para o aumento do

risco de doenças mentais entre paciente e familiares, como também profissionais e famílias que prestam serviços paliativos.

A comunicação é um pilar que conquista a confiança do paciente, que é a base do arcabouço dos cuidados paliativos. O tema é, portanto, mais bem priorizado atualmente, observando que a parte emocional continua sendo um obstáculo sério ao discutir más notícias, portanto, o estudo é valioso. Esperamos que os achados da pesquisa possam instigar maior interesse e discussão na formação de futuros profissionais de saúde para enfrentar essa realidade com maior preparo.

Nesse contexto, torna-se pertinente investir recursos em treinamento contínuo em habilidades de comunicação paliativa, elaborar protocolos adaptados ao SUS e fomentar pesquisas locais sobre o auto gerenciamento emocional dos profissionais. Que haja maior engajamento da gestão hospitalar junto a equipe multidisciplinar, com enfoque no apoio emocional e psicológico para que todos os profissionais envolvidos possam receber. Ferramentas de apoio para possibilitar um cuidado digno e ético, humanizado, holístico englobando o início do tratamento oncológico até a finitude, são outras condições a considerar.

Ressalta-se mais investimentos em pesquisas sobre a temática voltada a área da enfermagem, uma vez que, durante a leitura das diversas publicações foi percebido uma abordagem bastante superficial em relação a esses profissionais. A literatura científica é tendenciosa por pesquisas que privilegiam a perspectiva dos profissionais médicos.

REFERÊNCIAS

- ALCANTARA F.A. Dilemas éticos em cuidados paliativos: revisão de literatura. Rev. Bioét. vol.28 no.4 Brasília Out./Dez. 2020. Doi: 10.1590/1983-80422020284434. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bioet/a/Nb4RkLxvwRvCTPzVzWvhDdN/?format=pdf&lang=pt> Acesso em outubro 2025.
- ALVES, R.S.F.; OLIVEIRA, F.F.B., et al. Cuidados paliativos para profissionais de saúde: avanços e dificuldades. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 42, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003238471>. Acesso em: 20 nov. 2025.
- ANCP. Análise situacional e recomendações para estruturação de programas de cuidados paliativos no Brasil. 2018 .ACADEMIA NACIONAL DE CUIDADOS PALIATIVOS. Disponível em: <https://paliativo.org.br/analise-situacional-recomendacoes-ancp-desenvolvimento-cuidados-paliativos-brasil/>. Acesso em: 28 nov. 2025.
- ANDRADE, C.G; COSTA, I.C.P.; BATISTA, P.S.S, et al. Cuidados paliativos e comunicação: uma reflexão à luz da teoria do final de vida pacífico. Cogitare Enfermagem, v.27, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cenf/a/ZhMVmywdypwQBPT7Lm8FqCP/?lang=pt>>. Acesso em: 25 agosto 2025.

ANDRADE, G. B. de, et al. Cuidados Paliativos e a importância da comunicação entre o enfermeiro e paciente, familiar e cuidador. *Revista on line de pesquisa cuidado é fundamental*, Rio de Janeiro, v. 11, p. 713 – 717, 2019. ISSN 713-717.

ASTRITA JGA, GOLDIM JR. Compreensão e comunicação de cuidados paliativos em neonatologia: abordagem bioética. *Revista Bioética*, 2023; 31(4): 3575PT.

BANDEIRA L.L.M., et al. Estratégias de promoção de saúde mental a pacientes oncológicos: revisão integrativa. *Research, Society and Development*, 2020; 9(9): 188996597.

BAPTISTA, S.C. O.; PICANÇO, CARINA M. Cuidados paliativos em unidade de atendimento crítico: saberes de uma equipe multiprofissional. *Rev. Enfermagem Brasil*, Salvador, v. 18, n. 5 p.612-624, mai 2019.

BRASIL. Portaria GM/MS nº 3.681, de 7 de maio de 2024. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2024/prt3681_22_05_2024.html. Acesso em: 27 jun. 2025.

BELLAGUARDA, M. L.R. et al. Simulação realística como ferramenta de ensino na comunicação de situação crítica em cuidados paliativos. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, v. 24, n. 3, p. 1 – 8, 2020.

DOS REIS BELLAGUARDA M.L., et al. Simulação realística como ferramenta de ensino na comunicação de situação crítica em cuidados paliativos. *Escola Anna Nery*, 2020; 24(3): 20190271.

CALSAVARA, V. J.; SCORSOLINI-COMIN, F.; CORSI, C. A. C. A comunicação de más notícias em saúde: Aproximações com a abordagem centrada na pessoa. *Revista da Abordagem Gestáltica*, Goiás, v. 1, p. 92 – 102, 2019. ISSN 1809-6867.

CAMPOS, D. L. I. T. Comunicação de Más Notícias em contexto de Morte Súbita no Serviço de Urgência. 2020. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola Superior de Enfermagem de São João de Deus, Universidade de Évora, Porto Alegre, 2020.

CAMPOS, V. F.; SILVA, J. M.; SILVA, J. J. Comunicação em cuidados paliativos: equipe, paciente e família. *Revista Bioética*, Brasília, v. 27, n. 4, p. 711-718, dec. 2019.

CAVALCANTE, et al. Percepção dos cuidadores /familiares sobre cuidados paliativos. *Fortaleza*, vol.25, n.1, p.24-28, janeiro, 2018.

DE SOUZA TM, et al. Papel da comunicação em saúde frente aos cuidados paliativos na unidade de terapia intensiva. *Brazilian Journal of Development*, 2020; 6(11): 93059-93066.

DE SOUZA, BBS, BRAZ JR, DS, DA SILVA, RB, CAVALCANTI, LF. Dilemas éticos nos cuidados paliativos de pacientes na unidade de terapia intensiva. *Revista Brasileira Método Científico*, 2025. DOI: 10.5281/zenodo.15089796.

DIAS H.M., et al. Cuidados paliativos odontológicos a pacientes com câncer de cabeça e pescoço em Unidades de Terapia Intensiva: uma revisão integrativa da literatura. *Research, Society and Development*, 2021; 10(15): 143101522902.

ENGEL M., KARS M.C., TEUNISSEN S.C.C.M., VAN DER HEIDE A. Effective communication in palliative care from the perspectives of patients and relatives: A systematic review. *Palliat Support Care*. 2023 Oct;21(5):890-913. doi: 10.1017/S1478951523001165. PMID: 37646464.

FIGUEIREDO R.M., et al. Protocolos de transmissão de más notícias utilizados em contextos de cuidados paliativos: uma revisão de literatura. *Jornal De Investigação Médica (JIM)*, 2024; 5(1), 16–25. <https://doi.org/10.29073/jim.v5i1.790>

GALVÃO MIZ, BORGES MS, PINHO DLM. Comunicação interpessoal com pacientes oncológicos em cuidados paliativos. Rev Baiana Enferm [Internet]. 2017 [acesso 27 Outubro de 2025];31(3):e22290. DOI: 10.18471/rbe.v31i3.22290.

GAZZOLA, L. P; LEITE, H. V.; GONÇALVES, G. M. Comunicando más notícias sobre malformações congênitas: reflexões bioéticas e jurídicas. Revista Bioética, Brasília, v. 28, n.1, p. 38-46, 2020.

GIBELLO J., et al. Importância da Comunicação de Más Notícias no Centro de Terapia Intensiva. Revista da SBPH, 2020; 23(1): 16–24.

GOBBI, M.B. Comunicação de más notícias: um olhar da psicologia. Diaphora, 2020; 9(1): 66-69.

LEÇA, L.M., et al. A percepção dos cuidados paliativos diante da comunicação com a equipe de saúde. Revista Eletrônica Acervo Saúde, [S. l.], v. 16, n. 6, 2024. ISSN 2178-2091. Disponível em: <https://acervosaude.com.br>. Acesso em: 5 dez. 2025.

LYSAKOWSKI, S.; MACHADO K.P.; WYZYKOWSKI, C. A comunicação da morte em tempos de pandemia por covid-19: relato de experiência. Saberes Plurais: Educação na Saúde, Porto Alegre, v.4, n.2, p.71-77, ago./dez.2020.

MACHADO, N.J.N., et al; Comunicação em cuidados paliativos como fator de melhoria na qualidade de vida dos pacientes. Revista Eletrônica Acervo Saúde, [S.l.], [vhttps://acervomais.com.br/index.php/saude/issue/view/339](https://acervomais.com.br/index.php/saude/issue/view/339), 2024. ISSN 2178-2091.

NETO, A.C.M., et al. O enfrentamento dos familiares cuidadores de adoecidos em cuidados paliativos oncológicos domiciliares diante dos estressores do cuidado. Revista Eletrônica Acervo Saúde, 2020; 12(2): 2525.

OLIVEIRA, K. L.; SANTOS, M. A. A comunicação da equipe de enfermagem frente aos cuidados paliativos em UTI: revisão narrativa. Revista de Enfermagem UFPE On Line, Recife, v. 13, n. 4, p. 1148-1156, 2019.

PALMRYD L, REJNÖ Å, ALVARIZA A, GODSKESEN T. Critical care nurses' experiences of ethical challenges in end-of-life care. Nurs Ethics. 2025 Mar;32(2):424-436. doi: 10.1177/09697330241252975. Epub 2024 May 22. PMID: 38775348; PMCID: PMC11800706.

PAN H, SHI W, ZHOU Q, et al. Palliative Care in the Intensive Care Unit: Not Just End-of-life Care. Intensive Care Res. 2023;3(1):77-82.

SALINS N, RAO AP, DHYANI VS, et al. Palliative and end-of-life care practices for critically ill patients and their families in a peri-intensive care setting: A protocol for an umbrella review. Palliative and Supportive Care. 2024;22(5):1418-1425.

SANTOS WP, et al. O enfrentamento do câncer fora de possibilidade terapêutica: uma revisão integrativa. Revista Enfermagem Atual In Derme, 2020; 93(31): 20019.

SANTOS, G. de Fátima Alves Teixeira Fernandes dos et al. Cuidados Paliativos em Oncologia: vivência de enfermeiros ao cuidar de crianças em fase final da vida. Revista on line de pesquisa cuidado é fundamental, Rio de Janeiro, v. 12, n. 9463, p. 689 – 695, Dezembro 2020. ISSN 689-695.

SANTOS, A.S.dos; SILVA, B. A. da; ANGEL, D. J. (2025). Ações de enfermagem nos cuidados paliativos destinados a pacientes oncológicos . *Journal of Medical and Biosciences Research*, 2(5), 806–817. <https://doi.org/10.70164/jmbr.v2i5.942>

SIEGLE A, et al. Communication with patients with limited prognosis—an integrative mixed-methods evaluation study. *SupportiveCare in Cancer*, 2023; 31(1): 77.

SILVA J.L.R., et al. Transição para os cuidados paliativos: ações facilitadoras para uma comunicação centrada no cliente oncológico. *REME Rev Min Enferm*, 2020; 24(1): 1333.

SILVA J.L.R., et al. Communication in the transition from cancer patient to palliative care: an integrative review. *RSD*, 2021; 10(4): 38210414302.

SILVA, Roberto Bezerra da; LIMA, Luiz Henrique Campelo de. Protocolo de definição de palição em urgência oncológica. *Revista Brasileira Método Científico*, [S.l.], 9 maio 2025. Disponível em: <https://ijzfgghrbkjbwefolofg.supabase.co/storage/v1/object/public/artigos/af41488e-45fb-4e68-b706-07220d575c45/1760393868274-PROTOCOLO-DE-DEFINICAO-DE-PALIACAO-EM-URGENCIA-ONCOLOGICA.pdf>. Acesso em: 05 out. 2025.

SOARES, I. V. A., et al. O impacto familiar no cuidado de pacientes paliativos. *Brazilian Journal of Health Review*, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 2496–2504, 2024. DOI: 10.34119/bjhrv7n1-200. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/66596>. Acesso em: 27 dez. 2025.

Souza, T. M. de, et al. (2020). Papel da comunicação em saúde frente aos cuidados paliativos na unidade de terapia intensiva / Role of health communication in front of palliative care in the intensive care unit. *Brazilian Journal of Development*, 6(11), 93059–93066. <https://doi.org/10.34117/bjdv6n11-640>.

SOUZA, R. M., et al. Os desafios do enfermeiro frente à comunicação com pacientes oncológicos em cuidados paliativos: uma revisão integrativa. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Enfermagem. Artigo aceito em: 01 mar. 2024.

SOUZA, T.J. de, COELHO, A.G.M., LIMA, L.L.C., et al. Condutas do enfermeiro em cuidados paliativos: uma revisão integrativa. *Nursing (São Paulo)* 2021; 24: 6211–6215. <https://doi.org/10.36489/nursing.2021v24i280p6211-6220>.

TELLES, C.; SILVA, G.K. A importância da comunicação efetiva entre a equipe de enfermagem e a família em cuidados paliativos na UTI. *Revista Saúde dos Vales*, v. 10, n. [sem número], 2025. ISSN 2674-8584. DOI: <https://doi.org/10.61164/7res6r34>.

THODÉ M, et al. Feasibility and effectiveness of tools that support communication and decision making in life-prolonging treatments for patients in hospital: a systematic review. *BMJ Supportive&PalliativeCare*, 2022; 12(3): 262- 269.